

Primeiras aventuras de Giaffá¹**Aline Fogaça dos Santos Reis e Silva****Eduarda Tadwald Nunes****Ivana Isdra****Victória Medeiros da Silva**

Sentem em roda, meus amiguinhos, e prestem atenção. Não façam estardalhaço e não briguem, caso contrário não contarei nada. Estão ouvindo essa paz, esse silêncio, ao redor do jardim?

Enquanto eu lhes conto, sintam o perfume das rosas e dos lírios acima de vocês. Nos seus olhos há um límpido brilho azul: é o reflexo do céu ou a alegria pela história que está por vir?

Então, vamos imaginar que o fato se passa na China, um país um pouco distante daqui, mas bastante na moda. Vamos começar.

Era uma vez na China – em uma cidade branca próxima ao mar, governada por um Mandarim² que era estrábico, tinha um coque que parecia uma serpente, e usava vestes de cetim vermelho com rosas amarelas – uma pobre viúva. O Mandarim chamava-se Xi-teu, a pobre viúva, Pan-a. O marido negociante somente havia deixado a Pan-a um pedaço de tecido e uma cruz para carregar, um filho, que todos, com razão, chamavam de parvo, embora seu nome verdadeiro fosse Giaffá. Esse Giaffá era o melhor exemplo de mentecapto que se poderia imaginar: todos os dias aprontava uma, tanto que sua mãe precisava de muita paciência para aguentá-lo. Ela dizia que estavam na extrema miséria por causa de Giaffá, o qual, com vinte anos de idade, ainda brincava com os fedelhos da rua. Com o seu coque desgrenhado e as vestes sujas, parecia um gato maltratado.

Certo dia não havia o que almoçar, e a pobre mulher decidiu vender o pedaço de tecido que ela conservava religiosamente em memória do falecido marido. Mas a fome, ao que parece, nos obriga a desapegar das recordações mais queridas: então Pan-a chamou Giaffá e lhe disse:

¹No âmbito da literatura infanto-juvenil, Grazia Deledda publicou, em 1893, três contos sobre a personagem Giaffà: “Prime aventure di Giaffà”, “Le ultime aventure di Giaffà” e “Son Giaffà o non Giaffà?”. Em 1931, é publicada uma edição pela editora Remo Sandron, de Palermo – Sicília, com o acréscimo de mais dois contos: “Nostra Signora del Buon Consiglio” e “Le disgrazie che può causare il denaro”. Giaffà é uma derivação de Giufà, personagem de origem árabe, mas representado pela cultura folclórica siciliana.

²O Mandarim é uma espécie de prefeito. [N. da A.]

— Meu filho, vai e vende esse tecido; mas cuidado, não vás aprontar uma das tuas; vende-o a quem menos charlar, porque quem muito tagarela não faz negócio. Se tiveres sorte, poderemos até comprar chá. Vai, e que Xiang-ti te ajude – (Xiang-ti quer dizer Deus; lembrem-se disso).

Giaffá colocou o tecido nas costas, e pelas ruas gritava a plenos pulmões:

— Tecidoo!! Só aqui... tecido-ô! Vendo tecido!

— Giaffá, Giaffá, – todos perguntavam-no – Quanto pelo tecido? Vem aqui que eu compro.

— Eu vendo para quem não charlar! – ele respondia, e seguia em frente.

Já que todos tagarelavam, ele que, como sempre, seguiu ao pé da letra as recomendações de Pan-a, percorreu toda a cidade sem ter vendido nada de tecido.

E então, do lado de fora do muro, em um velho jardim, entre as rosas descuidadas, viu uma estátua de gesso a qual o vento fazia balançar a cabeça já meio descolada do busto.

— Boa senhora – disse Giaffá, se dirigindo a ela seriamente, com o rosto erguido – gostaria de comprar tecido?

— Sim – a estátua acenou com a cabeça balançada pelo vento.

— E me pagarias quanto? – respondeu Giaffá, feliz por ter finalmente encontrado alguém que compraria sem muita conversa.

— Sim – continuou acenando, a anciã engessada.

— Ah, então quer dizer que vais me pagar bem.

— Sim.

— Tens muito dinheiro?

— Sim.

— E me pagas hoje ou amanhã?

— Sim.

— Ah, quer dizer que pagarás amanhã? Então vou deixar o tecido aqui, e amanhã às dez horas estarei de volta. Vem com dinheiro, viu, quero trinta moedas de ouro com a imagem de Confúcio³.

— Sim, sim.

³Um santo filósofo chinês. [N. da A.]

— Bom, combinado: eu volto amanhã. Que senhora boa tu és, minha cara! – concluiu Giaffá, depositando o tecido aos pés da estátua que continuava com os seus “sim, sim” – Vais me dar o dinheiro e compraremos o chá.

— Sim, sim, sim.

Giaffá voltou feliz para casa e relatou tudo para a mãe. A pobre mulher ficou parecendo um cadáver.

— Xiang-ti! Xiang-ti! – desatou a gritar, com as mãos na cabeça – Eu sabia que tu farias isso! Pobre de mim! O que vou fazer? Não temos o que comer, não temos uma gota de óleo para a lamparina! Vai logo e pega o tecido de volta, vai, logo! Está aí, está dormindo? Se os ratos te roem o coque ficas aí parado? Vai lá, Giaffá, eu sou tua mãe, gosto muito de ti, mas dessa vez não posso te perdoar. Se não conseguires pegar o tecido de volta, te denuncio ao Mandarim e o faço te dar cem golpes de bastão. Vai rápido.

— Ooooh! – disse Giaffá, sem perder a calma, seguro de si – Irei amanhã e levarei um cesto de moedas.

Pan-a pôs-se a chorar: Giaffá não quis ir naquele mesmo dia. Nenhum dos dois comeu o dia todo. No dia seguinte, Giaffá, munido de um pequeno cesto, voltou ao velho jardim. É claro que o tecido não estava mais lá, mas a estátua estava, com a cabeça fazendo sempre *sim*. Giaffá pedia e ameaçava, mas não parecia que a estátua iria pagar as trinta moedas de ouro. O parvo, então, começou a alterar-se, pensando aterrorizado no Mandarim das vestes vermelhas com rosas amarelas, e principalmente nos cem golpes de bambu.

Encheu o cesto de pedrinhas e dirigindo-se para a estátua fez a seguinte intimação:

— Escuta aqui, boa senhora, ou me pagas pelo bem ou me pagas pelo mal. Minha mãe ameaçou de denunciar-me ao Mandarim e o fará dar-me cem bastonadas as quais não quero receber. Por isso, paga-me. Não irei voltar para casa sem o dinheiro. Pagas-me logo ou não?

— Sim, sim.

— Sim! Estou em apuros com esse *sim*, se não te mexes mais. Devolve-me ao menos o tecido. Já mandaste fazer camisas com ele? Ora, dá-me o dinheiro, então! És ignorante? Eu que te farei uma ignorância! Minha cara, vês essas pedrinhas? Tu as vês, sim ou não? Sim? Pois bem, vou contar até trinta, e se, quando eu chegar no trinta, tu não

tiveres pago as trinta moedas de ouro, eu te quebro a cabeça com isso aqui. Entendeste, sim ou não? Sim? – e começou a contar: um, dois, três, quatro, cinco, seis...

A estátua dizia sempre sim, mas não desembolsava o dinheiro. Quando chegou no trinta, dada inútil qualquer razoabilidade, Giaffá começou a atirar furiosamente as pedrinhas na face branca da pobre estátua.

Estava vermelho de raiva, e se surpreendeu como a estátua não lhe falava nem lhe pagava. Mas, de repente, o rosto de Giaffá se iluminou de alegria, e os seus olhinhos oblíquos, cor de cobre, brilharam. A fúria da agressão destruiu a cabeça da estátua, que, ao cair no chão, verteu um tesouro que estava escondido dentro dela: uma grande quantidade de moedas de ouro que possuíam a efígie do santo filósofo Confúcio.

Giaffá as recolheu com calma e colocou-as dentro de seu cesto, murmurando:

— Eu sabia que irias me pagar! – em cima das moedas colocou um punhado de espinhos, cobriu tudo com um lenço e retornou alegremente para casa com o valioso cesto no braço.

— Giaffá, Giaffá – todos perguntavam-lhe – o que tens no cesto?

— Toquem, toquem! – respondia sorrindo.

Todos tocavam, e, espetados pelos espinhos, pulavam para trás gritando:

— Ai! A minha mão!

— Épa, eu estava dizendo para não tocarem! – exclamava Giaffá rindo estupidamente. Mas não permitia que descobrissem o cesto.

Chegou em casa. Pan-a o viu sem o tecido e já ia gritar com ele novamente quando Giaffá, sempre rindo, deixou o cesto cair no chão e as moedas se espalharam, rolando e brilhando.

— Eu não tinha dito que aquela mulher me pagaria hoje? – gritava Giaffá. Pan-a se perguntava se aquilo tudo não seria um sonho.

— Mas como, como isso aconteceu?

Giaffá relatou tudo, enquanto, inclinada no chão, Pan-a tremia ao recolher as moedas de ouro.

Quando tinha recolhido todas, abraçou o filho querido e lhe aconselhou:

— Não diz nada para ninguém, meu filho. Fica com a boca fechada. Se o Mandarim ficar sabendo que encontramos um tesouro, ele vai pegar as moedas para si e ainda nos dará bastonadas.

Ele escondeu bem o cesto e saiu para comprar alguma coisa.

Porém Giaffá, que tinha pegado duas moedas para si, saiu para a rua e, ao brincar com os amigos, mostrava as moedas para todos, relatando minuciosamente a aventura.

Aquele dia Pan-a tinha comprado favas e as cozinhou com lardo; mas chegando a hora do almoço, em vão chamou Giaffá pela janela. Ele ainda estava brincando e não queria subir de jeito nenhum.

— Bom — disse-lhe Pan-a pela janela — pelo menos chega aqui perto para que eu possa te atirar uma fava e um pedaço de lardo.

Giaffá ficou debaixo da janela com o rosto levantado e a boca aberta, e a fava e o pedaço de lardo caíram bem na boca dele.

Pan-a, imaginem só, naquele dia estava com vontade de agradá-lo, e assim continuaram por praticamente quinze minutos, até que ele ficou satisfeito. Depois disso, voltou a correr pelas ruas, contando a quem via e a quem não via sobre a aventura do tecido.

Assim aconteceu o que Pan-a temia.

O Mandarim das vestes vermelhas com rosas amarelas ficou sabendo que Giaffá tinha achado um tesouro e, como os tesouros pertenciam ao Imperador da China, um oficial logo apareceu na casa de Pan-a e ordenou para que ela e o filho fossem até o Mandarim no dia seguinte.

Pan-a logo imaginou do que se tratava; escondeu ainda mais o cesto, e se dirigiu ao Mandarim com Giaffá.

— Cerra a porta, e me segue — disse ao filho querido, ao sair de casa.

Em vez de fechar a porta, que é o que Pan-a quis dizer, o idiota a serrou das dobradiças e, com ela nas costas, seguiu a mãe. A pobre mulher somente percebeu aquela nova parvoíce quando estavam no salão em que o Mandarim, todo embrulhado na sua veste vermelha com rosas amarelas, fazia justiça pública.

Depois de mil reverências de Pan-a, que murmurava humildemente:

— *Von-fo! Von-fo!*⁴ — o interrogatório começou.

Naturalmente, a pobre viúva negou veementemente ter encontrado um tesouro; Giaffá também o fez, mas estava com uma vontade louca de contar tudo. Mas quando o cruel Mandarim ameaçou colocar nele o *kia*, uma espécie de colar de madeira que é usado na China como sinal de punição desonrosa, o amigo revelou tudo tim-tim por tim-tim.

⁴ Mil felicidades! Mil felicidades! [N. da A.]

Pan-a se viu perdida.

O Mandarim a fulminava com seus olhinhos estrábicos, e estava tão enfurecido que o coque mexia para cima e para baixo, como o rabo de um gato ouriçado. Em vão, a pobre viúva assinalava como Giaffá era um idiota, como era impossível que uma estátua comprasse tecido, e assim, ao final, mencionou o modo como Giaffá tinha fechado a porta, e o Mandarim, vendo-a, de fato, encostada na parede do salão, fez uma careta que poderia ser um sorriso. Mas tudo aquilo não o convenceu.

Estava, na verdade, por pronunciar a terrível sentença, anunciando que, se as moedas não fossem entregues, mãe e filho teriam sido exilados, assim como teriam recebido as bastonadas, quando uma estranha resposta de Giaffá salvou a situação.

— Diz — perguntou o Mandarim — tu sabes me precisar o dia que tu achaste o tesouro?

Giaffá pensou, depois respondeu com segurança:

— Sim! Era o dia em que chovia favas cozidas e lardo!

O Mandarim fez uma série de caretas, uma mais horrível que a outra — ria até não poder mais — e, plenamente assegurado da insensatez de Giaffá, libertou Pan-a, que estava mais para lá do que para cá, e o filho que carregava tranquilamente a porta nas costas.

* * *

E, a partir daquele dia, mãe e filho retornaram a suas vidas obscurecidas, calmas durante os dias em que Giaffá se contentava em brincar com os garotos da rua. Mas, em um belo dia, ele aprontou uma das grandes.

Desde que possuíam a famosa cesta, Pan-a e seu filho, de tempos em tempos, se davam ao prazer de almoços luxuosos.

Um dia, apareceu na mesa um belo galo, que a viúva tinha cozinhado com capricho. Giaffá, que não conhecia carne de galo, perguntou à mãe o que era aquilo.

— É um canta-de-noite — Pan-a respondeu brincando.

Giaffá entendeu do seu jeito: não falou mais nada e continuou a comer com vontade, sem conseguir se fartar daquela deliciosa carne. Porque vocês devem saber que, dentre seus outros defeitos, a gula e a ganância passaram a fazer parte. Enquanto comia,

pensava: Preciso pegar um desses “canta-de-noite” e devo procurar um que vá nos durar uma semana. É bom demais... Bom demais! Tem um sabor especial!

A noite chega, e o que ele faz? Ele se arma com um grande porrete e um facão afiado e se esconde atrás da porta de entrada.

Todas as noites, por aquela rua, sempre passava um jovem recém-casado, que morava perto da casa de Pan-a: e cantava, cantava, para que sua esposa soubesse de seu retorno. Ele se chamava Xiao-xiau-xau. O que esse nome significa? – vocês perguntam. Mas, sinceramente, estou com vergonha de lhes responder. Talvez algo não muito alegre, por isso esse último *xau*. De qualquer jeito, aquele jovem era um coitado.

Escutem a travessura que Giaffá aprontou com ele. Ele estava atrás da porta. Assim que escutou a voz de Xiao-xiau-xau, ele pulou para fora e nocauteou o pobre cantor com o porrete. Depois, o arrastou para dentro da casa e chamou por sua mãe, risonho.

— Pan-a, Pan-a! Aqui está um belo de um canta-de-noite! Ele vai nos durar a semana inteira!

— O que tu fizeste, o que tu fizeste?! – a pobre mulher começou a gritar – Ah, estamos perdidos!

— Como assim? – Giaffá respondeu, surpreso – Não é um canta-de-noite? E tu já não tinhas pego um?

— Shang Ti! – Pan-a gemia, arrancando seus próprios cabelos – Ajudai-me, dai-me força e paciência! O que eu fiz para merecer tua ira? – e ela continuou a gemer desesperadamente, enquanto o idiota a encarava boquiaberto, pensando:

— Minha mãe é louca! Ela deveria é se alegrar com um trabalho tão bem feito!

Porém, o barulho começava a acordar alguns de seus vizinhos.

Pan-a percebeu isso e, pelo medo do perigo que corria, recuperou um pouco de seu sangue frio. Fechou bem a porta e mandou que Giaffá carregasse o morto nos ombros e o jogasse em um poço profundo que havia no quintal; Giaffá obedeceu e depois foi para a cama, reclamando: — Pan-a é louca! Ele nos duraria uma semana inteira!

Pan-a, enquanto isso, lavou as manchas de sangue e atirou uma cabra no poço.

Pan-a era uma mulher esperta e sabia o que estava fazendo. O amanhecer chegava quando a porta tremeu com altos toc! toc! A viúva abriu a porta e, não sem medo, se encontrou diante do Mandarim de vestes vermelhas com rosas amarelas, vários oficiais,

quase todos os vizinhos – que fizeram a denúncia – e a viúva de Xiao-xiau-xau, que chorava e gritava:

— Foi aqui, foi aqui, eles o assassinaram!

Os vizinhos confirmaram a acusação e o Mandarim, apesar dos protestos e súplicas de Pan-a, ordenou que revistassem a casa. Eles não encontraram nada. Mas o poço ainda precisava ser inspecionado. O Mandarim chamou Giaffá e perguntou:

— Vocês atiraram o corpo no poço?

— Nós atiramos o corpo no poço – respondeu Giaffá.

E agora, quem entraria no poço? Ninguém queria entrar. Giaffá disse:

— Eu vou entrar.

— Tu não vai! – gritou Pan-a, com falso receio.

Mesmo assim, Giaffá, amarrado em uma corda, desceu. As duas viúvas choravam juntas.

— Encontrei! – gritou Giaffá do fundo do poço.

— Ah, meu esposo, meu esposo! – chorava a jovem viúva.

O Mandarim alisou suas vestes vermelhas com rosas amarelas e disse:

— Agora você precisa descrever o defunto.

Todos escutavam com atenção. Giaffá gritou:

— Quantos olhos tinha o teu marido?

— Meu marido tinha dois olhos.

— Este também. Teu marido tinha nariz?

— Meu marido tinha nariz.

— Este também. Quantas patas tinha o teu marido?

— Meu marido tinha pernas, e tinha duas.

— Este tem quatro.

Todos sorriram, mas pensaram: foram incluídos os braços.

— Teu marido era peludo?

— Meu marido não era peludo.

— Este é peludo. Teu marido tinha chifres?

— Shang Ti! Shang Ti! – gritou a mulher, esfregando seus olhos – O que eu acabei de ouvir? Se meu marido tinha chifres?

— Este tem chifres!

Todos caíram na gargalhada: apenas Pan-a continuou a chorar, a viúva a gritar e o Mandarim a fazer caretas.

Agora, quem ainda estava surpreso quando Giaffá saiu com a cabra morta? O Mandarim continuou convencido da inocência de Pan-a e de seu filho, filho este que nunca conseguiu entender como, em poucas horas, o corpo de um homem se transformou no de um animal.

* * *

Uma outra vez, a mãe de Giaffá preparou para o almoço um chouriço de carneiro magnífica. Giaffá lambia os dedos, de tanto que havia gostado. Então, um dia, quando estava sozinho em casa, foi ao mercado, comprou um chouriço e o pôs a ferver, sujo como estava. Quando a mãe retornou, foi ver o que fervia na panela e, vendo aquele horror, se pôs a gritar:

— Pobre da minha panelinha! Será preciso levá-la à beira mar para limpá-la!
— Eu vou, eu vou! – respondeu Giaffá.
— Tudo bem, vai, e limpa-a até que se veja o rosto.
— Até que se veja o rosto, até que se veja o rosto... – repetia Giaffá, para não se esquecer, indo em direção ao mar.

Chegando lá, curvou-se, e com areia em mãos começou a esfregar. Esfrega e esfrega, até arrancar o fundo da panelinha. Então a encostou no rosto, de modo que sua cara aparecia toda no círculo da panelinha sem fundo, e tocou seu nariz.

— Acredito que dê para ver, – pensou, mas não tinha tanta certeza.
Passava um barco de pesca.
— Aqui! Aqui! – gritou Giaffá – os pescadores, achando que ele fosse um naufrago, se aproximaram, e Giaffá perguntou:

— Dá pra ver meu rosto por essa panelinha?
— Animal! – gritaram de volta os pescadores – por isso nos fizeste atracar?
E um dos pescadores pulou para a costa, deu uns bons tapas em Giaffá e lhe disse:
— Da próxima vez, deves dizer: Boa viagem! Boa viagem!

Giaffá seguiu seu rumo tristemente. Daí a pouco viu um caçador que mirava o arco em uma lebre.

— Boa viagem! Boa viagem! – gritou.

A lebre fugiu: o caçador se aproximou de Giaffá, deu-lhe uns pontapés e disse:

— Da próxima vez, deves parar e dizer em voz baixa: Cem iguais a este! Cem iguais a este!

Giaffá seguiu seu caminho quase chorando, com sua panelinha sem fundo, embaixo do braço.

Caminha, caminha, e vê um funeral; parou, e começou a murmurar:

— Cem iguais a este, cem iguais a este!

Alguém o ouviu, parou próximo a ele e, quando o funeral era já distante, pegou Giaffá pelas orelhas, as puxou até deixá-las vermelhas, e disse:

— Herege, coração de pedra, da próxima vez, deves se ajoelhar e rezar.

O desgraçado se pôs a chorar e foi-se embora, decidido, em seu coração, a não se deixar apanhar ou puxarem-lhe as orelhas. E viu um cão morto, jogado em uma latrina: prontamente se ajoelhou e pôs-se a rezar. E permaneceu assim, até que passou um fazendeiro, que se pôs a rir.

— Por que estás rindo? – perguntou Giaffá.

— Tu és louco – disse o fazendeiro – e não te bato por isso, mas na realidade, tu merecias.

Giaffá levantou-se e se pôs a fugir.

— Vai, vai, – gritou-lhe o fazendeiro – Da próxima vez, deves cavar uma cova e enterrá-lo; senão, apanhará muito.

Giaffá tinha tanta certeza do que lhe disse o fazendeiro que, quando depois de cerca de meia hora de viagem, viu um padre dormindo sob a sombra de uma árvore em uma fazenda, pegou uma pá que estava por perto e cavou uma cova.

Com o barulho, o padre acordou: era um missionário cristão, e perguntou com doçura a Giaffá o que estava fazendo. Com a resposta, sorriu amigavelmente e acompanhou Giaffá até sua casa. Perguntou à mãe do idiota se permitiria que Giaffá vivesse um tempo na Casa dos Missionários, onde seria educado ou pelo menos redirecionado.

Imaginem só! Para Pan-a não parecia real; e, assim, Giaffá foi morar com os padres, que o converteram à fé cristã.

Prime avventure di Giaffà**Grazia Deledda**

Sedetevi in circolo, miei piccoli amici, e state attenti. Non fate baccano, non vi urtate, altrimenti io non racconto nulla. Sentite che pace, che silenzio, intorno per il giardino?

Mentre io racconto, odorate il profumo delle rose e dei gigli più alti di voi. Nei vostri occhi è un limpido splendore azzurro: è il riflesso del cielo, o la gioia per il promesso racconto?

Dunque, immaginiamoci che il fatto succeda in Cina, un paese un po' lontano da qui, ma assai di moda. Cominciamo.

C'era una volta in Cina — in una città bianca vicina al mare, governata da un Mandarino che aveva gli occhi storti, un codino lungo come una serpe, e una veste di raso rosso a rose gialle, — una povera vedova. Il Mandarino si chiamava Sci-teu, la povera vedova Pan-a. Il marito negoziante aveva lasciato a Pan-a solo una pezza di tela e una croce di figlio, che tutti, a ragione, chiamavano lo scemo, benché il suo vero nome fosse Giaffà. Questo Giaffà era il più bel tipo di matto che si possa immaginare: ogni giorno ne faceva una, tanto che sua madre doveva usare grande pazienza per sopportarlo. Ella diceva, che vivevano nell'estrema miseria per colpa di Giaffà, il quale a vent'anni giocava ancora coi monelli delle vie. Con quel suo codino arruffato e le vesti sporche, sembrava un gatto arrabbiato.

Un giorno, in cui mancava il necessario per pranzare, la povera donna si decise di vendere la pezza di tela che custodiva religiosamente in memoria del defunto marito. Ma la fame, a quanto pare, costringe anche a disfarsi dei ricordi cari: quindi Pan-a chiamò Giaffà e gli disse:

— Figlio mio, va e vendi questa tela; ma bada, non farne una delle tue; vendila a chi meno ciarla, perché chi chiacchera molto non compra mai. Se hai fortuna, compreremo anche il thè. Va, e che Sciang-ti ti aiuti — (Sciang-ti vuol dire Dio; ricordatelo).

Giaffà si caricò la tela sulle spalle, e per le strade gridava a squarcigola:

— Comprate tela! comprate... comprate tela! Ehi, comprate tela!...

— Giaffà, Giaffà, — tutti gli chiedevano. — A quanto vendi la tela? Vieni qua che la compro io.

— La vendo a chi non ciarla! — rispondeva, e tirava dritto.

Siccome tutti parlavano, egli che, al solito, aveva compreso a modo suo l'avvertenza di Pan-a, arrivò fuori di città senza aver venduto un solo palmo di tela.

Ed ecco che fuori delle mura, in un vecchio giardino, fra le rose inselvatichite, vide una statua di stucco a cui il vento faceva dondolar la testa mezzo staccata dal busto.

— Buona donna — disse Giaffà, rivolgendole seriamente la parola, col volto sollevato — comprate tela qualche volta?

— Sí — accennò col capo la statua mossa dal vento.

— E quanto me la pagherete, voi? — riprese Giaffà, lieto di aver trovato finalmente chi comprava senza ciarlare.

— Sí — continuò a fare l'impassibile e vecchia testa bianca.

— Ah, volete dire che me la pagherete bene.

— Sí.

— Avete molti denari, voi?

— Sí.

— Mi pagherete oggi, o domani?

— Sí.

— Ah, volete dire che pagherete domani? Allora lascio qui la tela, e tornerò domani alle dieci. Venite col denaro - sapete, voglio trenta monete d'oro con l'immagine di Confucio.

— Sí, sí.

— Bene, siamo intesi: tornerò domani. Che brava donna siete voi, mia cara! — conchiuse Giaffà, deponendo la tela ai piedi della statua che continuava a far sempre sí sí.

— Mi darete il denaro e compreremo il the.

— Sí, sí, sí. —

Giaffà tornò allegro a casa e raccontò ogni cosa alla madre. La povera donna impallidí mortalmente.

— Sciang-ti! Sciang-ti! — si diede a gridare, con le mani fra i capelli: — Lo sapevo che avresti fatto cosí! Povera me! Come farò io? E intanto non abbiamo di che mangiare, non abbiamo una goccia d'olio per il lume! Va' presto e riprendi la tela, subito va'! Sei lí, incantato? Che i sorci ti rodano il codino, sei ancora lí? Bada Giaffà, io ti sono madre e ti

voglio bene, ma questa volta non ti perdono. Se non riporti la tela, ti accuso al Mandarino e ti faccio dare cento colpi di bastone. Va' presto.

— Ooooh! — fece Giaffà senza scomporsi, sicuro del fatto suo. — Andrò domani e porterò un canestro di monete. —

Pan-a si mise a piangere: Giaffà per quel giorno non volle andare: entrambi poi, rimasero tutto il giorno senza mangiare. L'indomani Giaffà munito d'un piccolo canestro tornò nel vecchio giardino. La tela naturalmente era sparita, ma la statua c'era ancora e col capo faceva sempre sí. Ma per quante richieste e minacce Giaffà le rivolgesse, non accennava a sborsare le trenta monete d'oro. Lo scemo allora cominciò ad alterarsi, pensando con terrore al Mandarino dalla veste rossa a rose gialle, e soprattutto ai cento colpi di bambù.

Riempí allora di ciottoli il canestro, e rivolto alla statua le fece quest'ultima ingiunzione:

— Sentite un po', buona donna, o mi pagate con le buone o mi pagate con le cattive. Mia madre ha minacciato d'accusarmi al Mandarino e farmi dare cento bastonate che io non voglio ricevere. Perciò pagatemi. Non tornerò a casa senza il denaro. Pagate sí o no, subito?

— Sí, sí.

— Sí! Sto fresco io col vostro sí, se non vi muovete piú. Restituitemi almeno la tela. L'avete mandata a farvi delle camicie? Ebbene, datemi i danari, allora! Siete stupida? Ve la darò io la vostra stupidaggine maligna! Avanti mia cara, vedete questi ciottoli? Li vedete sí o no? Sí? Ebbene, io conto sino a trenta, e se, arrivato a quel numero, voi non sborsate le trenta monete d'oro, io vi rompo la testa con questi qui. Avete inteso sí o no? Sí? — E cominciò a contare: Uno, due, tre, quattro, cinque, sei...

La statua diceva sempre sí, ma denari non ne sborsava. Arrivato a trenta, vista inutile ogni buona ragione, Giaffà cominciò a lanciar furiosamente i ciottoli sul bianco volto della povera statua.

Era verde d'ira, e si meravigliava come neppure allora la statua parlasse o pagasse. Ma a un tratto il viso di Giaffà s'illuminò di gioia, e i suoi occhietti obliqui, color rame, brillarono. A furia di picchiare, la testa della statua si era fracassata, e cadendo al suolo aveva sparso un tesoro nascosto in lei; una grande quantità di monete d'oro che avevano precisamente per effigie la testa del santo filosofo Confucio.

Giaffà le raccolse con calma, le mise entro il suo paniere, mormorando:

— Ero sicuro che doveva pagarmi! — Sopra le monete pose una manata di spine, coprì tutto con un fazzoletto, e col prezioso paniere al braccio s'avviò allegramente a casa.

— Giaffà, Giaffà, — tutti gli chiedevano, — che cosa hai dentro quel paniere?

— Toccate, toccate! — rispondeva sogghignando.

Tutti toccavano, e punti dalle spine saltavano indietro gridando:

— Ahi! la mia mano!

— Eh, ve lo dicevo io di non toccare! — esclamava Giaffà ridendo scioccamente.

Ma non permetteva che si scoprisse il paniere.

Così arrivò a casa. Vedendolo senza la tela Pan-a si disponeva a sgredarlo nuovamente, quando Giaffà, che rideva sempre, lasciò cadere al suolo il paniere e le monete si sparagliarono, rotolando e splendendo.

— Ve lo avevo detto io che quella donna pagava oggi? — strepitava Giaffà. Pan-a si chiedeva se tutto ciò non fosse un sogno.

— Come, come è accaduto?

Giaffà raccontò ogni cosa, mentre, china al suolo, Pan-a raccoglieva tremando le monete d'oro.

Quando le ebbe tutte raccolte, abbracciò il figliuolo raccomandandogli:

— Non dir nulla a nessuno, figlio mio. Tieni la bocca chiusa. Se il Mandarino viene a sapere che abbiamo trovato un tesoro, ci piglierà le monete e ci farà anche bastonare.

Nascose bene il paniere, e uscì per comprare qualche cosa.

Intanto Giaffà, che si era trattenuto due monete, scese nella strada e giocando coi compagni le mostrava a tutti, raccontando minutamente l'avventura.

Pan-a quel giorno comprò fave e le cucinò con lardo; ma giunta l'ora del pranzo, invano chiamò Giaffà dalla finestra. Egli giocava ancora; e non volle salire a nessun costo.

— Ebbene, — gli disse Pan-a dalla finestra, — avvicinati almeno ch'io possa gettarti una fava e un pezzetto di lardo.

Giaffà si pose sotto la finestra, col viso sollevato e la bocca aperta, — e la fava e il pezzetto di lardo gli caddero giusto in bocca.

Il gioco gli piacque, e volle quindi che sua madre continuasse a gettargli fave e lardo.

Pan-a, figuratevi, quel giorno era in vena di contentarlo, e così seguitarono per quasi un quarto d'ora, finché egli fu sazio. Poi riprese a correre per le vie, narrando a chi vedeva e a chi non vedeva, l'avventura della tela.

Così accadde ciò che Pan-a temeva.

Il Mandarino dalla veste rossa a rose gialle, venne a sapere che Giaffà aveva trovato un tesoro, e siccome i tesori appartenevano all'Imperatore della Cina, tosto un ufficiale si presentò in casa di Pan-a ordinandole di recarsi il domani col figlio dal Mandarino.

Pan-a indovinò subito di che si trattava; nascose ancor meglio il paniere, e si avviò con Giaffà dal Mandarino.

— Tira la porta, e vienimi dietro — disse al figliuolo, nell'uscir di casa.

Invece di chiuder la porta, come Pan-a aveva voluto dire, l'idiota la tirò dai cardini e caricatasela sulle spalle andò dietro sua madre. La povera donna s'accorse di questa nuova sciocchezza solo quando furono nella sala ove il Mandarino, tutto avvolto nella sua veste rossa a rose gialle, faceva pubblica giustizia.

Dopo mille inchini di Pan-a, che mormorava umilmente:

— Von-fo! Von-fo!, cominciò l'interrogatorio.

Naturalmente la povera vedova negò recisamente d'aver trovato un tesoro; — negò anche Giaffà, che pure aveva una pazza voglia di raccontar tutto; ma quando il feroce Mandarino minacciò di mettergli il *kia*, specie di collare di legno che si usa in Cina in segno di disonorante punizione, l'amico spifferò ogni cosa con i minimi particolari.

Pan-a si vide perduta.

Il Mandarino la fulminava coi suoi occhietti storti, ed era cosí sdegnato che il codino gli andava su e giú come una coda di gatto arrabbiato. Invano la povera vedova faceva osservare come Giaffà fosse idiota, come era impossibile che una statua comprasse tela, e via via: alla fine accennò al modo col quale Giaffà aveva chiuso la porta, e il Mandarino, vistala davvero appoggiata alla parete della sala, fece una smorfia che poteva esser un sorriso. Ma tutto ciò non lo convinse.

Stava anzi per pronunziare la terribile sentenza, annunziando che se le monete non venivano consegnate, avrebbe esiliato, oltreché bastonato, madre e figlio, quando una strana risposta di Giaffà salvò tutto.

— Dimmi, — domandò il Mandarino, — sai precisarmi il giorno in cui hai trovato il tesoro? —

Giaffà pensò: poi rispose con sicurezza:

— Sí! Era il giorno che pioveva fave cotte e lardo! —

Il Mandarino fece una serie di smorfie una piú orribile dell'altra — rideva a piú non posso — e pienamente rassicurato della stoltezza di Giaffà, rimandò liberi Pan-a, piú morta che viva, e il figlio che si caricò tranquillamente la porta sulle spalle.

* * *

E da quel giorno madre e figlio ripresero la loro vita oscura, calma nei giorni in cui Giaffà si contentava di giocare coi monelli delle vie. Ma un bel giorno egli ne fece una piú grossa delle altre.

Da quando avevano il famoso panierino, Pan-a e il figliuolo si permettevano di tanto in tanto qualche pranzo di lusso.

Ora, un giorno comparve sulla loro mensa un magnifico gallo, che la vedova aveva squisitamente cucinato. A Giaffà, cui la carne di gallo era del tutto ignota, piacque tanto che chiese alla madre cosa mai fosse.

— È un canta-di-notte, — rispose Pan-a scherzando.

Giaffà comprese a suo modo: non disse nulla, e continuò a mangiare avidamente, senza mai potersi saziare di quella squisita carne. Perché dovete sapere che agli altri difetti egli univa la ghiottoneria e l'ingordigia. Mangiando pensava: — Bisogna che di questi «Canta-di-notte» io ne procuri uno che ci duri una settimana. È cosí buono... cosí buono! Ha uno speciale sapore!... —

Venuta la notte, cosa fa? S'arma di un grosso randello e di un coltello affilato, e si apposta dietro la porta di casa.

Ogni notte era abituato a passare per quella via un giovinotto da poco sposo, che abitava un po' piú in là della casa di Pan-a: e cantava, cantava, per annunziar da lontano alla sposa il suo ritorno. Si chiamava Sciú-cia-ciau. Cosa significa questo nome? chiedete. Ma, veramente sono imbarazzata nel rispondervi. Forse qualche cosa di poco allegro, nonostante quell'ultimo *ciau*. Ad ogni modo quel giovinotto era un disgraziato.

Sentite che gioco gli fece Giaffà. Egli era dunque dietro la porta. Appena udí la voce di Sciú-cia-ciau, sbucò sulla via e atterrò col randello il misero cantatore. Poi lo trascinò entro casa, e chiamò ridendo la madre.

— Pan-a, Pan-a! Ecco un bel canta-di-notte! Ne avremo per una settimana.

— Che hai tu fatto, che hai tu fatto! — cominciò a gridare la povera donna. — Ah, noi siamo perduti!

— Come? — disse Giaffà con meraviglia. — E non è un canta-di-notte? E voi non ne avete ucciso uno?

— Sciang-ti! — gemeva Pan-a strappandosi i capelli: — aiutami tu, dammi forza e pazienza! Che cosa ho fatto io per procurarmi l'ira tua? E seguitava a lamentarsi disperatamente, mentre l'idiota la guardava a bocca spalancata. Pensava:

— Mia madre è matta! Invece di rallegrarsi per un così bel colpo! —

Intanto il baccano cominciava a svegliare qualche vicino.

Pan-a se ne accorse, e la paura del pericolo che correva, le ridonò un po' di sangue freddo. Chiuse bene la porta e comandò a Giaffà di caricarsi il morto sulle spalle e gettarlo in un profondo pozzo che era nel cortile; Giaffà obbedí, poi andò a letto mormorando: — Pan-a è matta. Ne avremmo avuto per una settimana! —

Pan-a intanto lavò le macchie di sangue, e gettò nel pozzo una capra.

Pan-a era una donna astuta, e sapeva quel che faceva. Spuntava appena l'alba quando la porta tremò di sonori *pun! pun!* La vedova aprí, e non senza terrore si trovò di fronte il Mandarino dalla veste rossa a rose gialle, molti ufficiali, e quasi tutti i vicini — che avevano fatto la spia, — e la vedovella di Sciú-cia-ciau che piangeva e gridava:

— È qui, è qui, l'hanno assassinato! —

I vicini confermavano l'accusa, quindi il Mandarino, nonostante le proteste e i salamelecchi di Pan-a, ordinò di perquisire la casa. Non trovarono nulla. Ma restava da ispezionare il pozzo. Il Mandarino chiamò a sé Giaffa e gli chiese:

— L'avete gettato nel pozzo?

— L'abbiamo gettato nel pozzo, — disse Giaffà.

Ora, chi entrava nel pozzo? Nessuno volle entrare. Giaffà disse:

— Entro io.

— Tu non entri! — gridò Pan-a, fíngendo paura.

Ma Giaffà, legato con una corda, vi scese. Le due vedove piangevano di comune accordo.

— L'ho trovato! — gridò Giaffà dal fondo del pozzo.

— Oh, lo sposo mio, lo sposo mio! — piangeva la vedovella.

Il Mandarino spiegò le falde della sua veste rossa a rose gialle, e disse:

— Ora bisogna che tu dica i connotati.

Tutti ascoltavano intenti. Giaffà gridò:

- Tuo marito quanti occhi aveva?
- Mio marito aveva due occhi.
- Anche questo. Tuo marito aveva naso?
- Mio marito aveva naso.
- Anche questo. Tuo marito quante zampe aveva?
- Mio marito aveva gambe, e ne aveva due.
- E questo ne ha quattro.

Tutti sorrisero, ma pensarono: saranno comprese le braccia.

- Tuo marito era peloso?
- Mio marito non era peloso.
- E questo è peloso. Tuo marito aveva le corna?
- Sciang-ti! Sciang-ti! — la donna urlò battendosi i pugni sul viso. — Che ho mai udito? Mio marito avere le corna?
- E questo qui ha le corna! —

E tutti risero: solo Pan-a continuò a piangere, la vedova a urlare, il Mandarino a fare smorfie.

Ora, quale non fu la generale meraviglia quando Giaffà venne fuori con la capra morta? Il Mandarino rimase convinto dell'innocenza di Pan-a e del figliuolo, — ma quest'ultimo non seppe mai capacitarsi come in poche ore il corpo di un uomo si fosse trasformato in quello d'una bestia.

* * *

Un'altra volta la madre di Giaffà preparò per il desinare un magnifico sanguinaccio di montone. Giaffà se ne leccò le dita tanto gli piacque; e un giorno che si trovava solo in casa andò al mercato, comprò un sanguinaccio e lo mise a bollire così sporco com'era. Al ritorno sua madre guardò che cosa bolliva dentro il pajolo, e vedendo quell'orrore si mise a gridare.

- Povero il mio pajolino! bisognerà andare sulla riva del mare per pulirlo!
- Ci vado io, ci vado io! — rispose Giaffà.
- Bene, va, e che tu lo pulisca finché ci si veda rispecchiato il viso.

— Finché ci si veda il viso, finché ci si veda il viso... — ripeteva Giaffà, per non scordarsene, avviandosi verso il mare.

Là giunto si curvò, prese dell'arena e cominciò a sfregare. Sfrega che ti sfrego, finí col far distaccare il fondo del pajolino: allora se lo accostò al volto, in modo che il suo viso appariva tutto nel circolo del pajolino sfondato, e si toccò il naso.

— Credo che ci si veda, — pensò, ma non ne fu ben sicuro.

Passava una barca di pescatori.

— Approda! approda! — gridò Giaffà; — e quando la barca, credendolo i pescatori un naufrago, fu vicina, egli chiese:

— Si vede il mio volto attraverso questo pajolino?

— Bestia! — gli gridarono i pescatori: — per questo ci hai fatto approdare?

E uno dei pescatori saltò sulla riva, diede a Giaffà un buon numero di schiaffi, e gli disse:

— Un'altra volta devi dire: buona corsa! buona corsa!

Giaffà se n'andò via tristemente. Di lì a poco vide un cacciatore che puntava l'arco contro una lepre.

— Buona corsa; buona corsa! — gridò. La lepre fuggì: il cacciatore s'avvicinò a Giaffà, gli diede tanti calci, e gli disse:

— Un'altra volta ti devi fermare e dire a bassa voce: — Cento come questo! cento come questo! —

Giaffà andò via quasi piangendo, col suo pajolino sfondato infilato al braccio.

Cammina, cammina, vide un funerale; si fermò e cominciò a mormorare:

— Cento come questo, cento come questo!

Qualcuno lo udí, gli si fermò vicino, e quando il funerale fu lontano, prese Giaffà per le orecchie, gliele tirò sino a farlo diventare rosso, e gli disse:

— Sacrilego, cuore di pietra, quando un'altra volta ti capita, devi inginocchiarti e pregare. —

Il disgraziato si mise a piangere e andò via deciso in cuor suo di non lasciarsi più bastonare né tirar le orecchie. E vide un povero cane morto, buttato su un letamajo: subito s'inginocchiò e si mise a pregare. E rimase così finché passò un contadino, che si mise a ridere.

— Perché ridi? — chiese Giaffà.

— Tu sei un matto — disse il contadino — ed io non ti bastono per ciò, ma in verità te lo meriti.

Giaffà s'alzò e si mise a fuggire.

— Va, va, — gli gridò il contadino — se un'altra volta ti capita, devi scavare una fossa e seppellirlo: altrimenti avrai molte bastonate.

Giaffà restò talmente convinto di quanto gli diceva il contadino che quando, dopo circa mezz'ora di viaggio, vide un frate dormire all'ombra d'un albero, in una campagna coltivata, prese una vanga che si trovava lí accanto e scavò una fossa.

Al rumore il frate si svegliò: era un missionario cristiano, e domandò con dolcezza a Giuffà che cosa faceva. Avuta la risposta, sorrise benevolmente; poi volle accompagnar Giuffà a casa sua. Chiese alla madre dell'idiota se permetteva che Giuffà vivesse un po' di tempo nella Casa dei Missionari, ove sarebbe stato istruito o almeno dirozzato.

Figuratevi! A Pan-a non parve neanche vero; e così Giuffà andò ad abitare dai frati, che lo convertirono alla fede cristiana.

Referências

DELEDDA, Grazia. Prime avventure di Giuffà. In: _____. **Giuffá:** racconti per ragazze. Palermo: Remo Sandron, 1931.

Data de submissão: 05/09/2025
Data de aceite: 11/11/2025